

POR UMA SOCIOLOGIA MARXISTA DA RELIGIÃO:

entrevista com Michael Löwy

Realizada por Deni Alfaro Rubbo^a e Marcelo Netto Rodrigues^b

Nascido em 06 de maio de 1938, na cidade de São Paulo, oriundo de uma família de judeus que imigrou para o Brasil na década de 1930, Michael Löwy ingressou no curso de Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo (USP), em 1956. Em 1961, partiu à França para realizar seu doutorado, sob orientação de Lucien Goldmann, com um estudo sobre a questão da revolução no jovem Karl Marx. Desde então, permaneceu na França, onde posteriormente ingressou no prestigioso Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), do qual é atualmente pesquisador, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)¹.

Michael Löwy é um dos grandes nomes da Sociologia marxista contemporânea. É autor de livros e artigos traduzidos em vinte e cinco línguas, dentre os quais se destacam: *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*; *Franz Kafka, sonhador insubmisso*; *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade* (em coautoria com Robert Sayre); *A estrela deã manhã: surrealismo e marxismo*; *Walter Benjamin: Aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*; *Marxismo e Teologia da Libertação*; e muitos outros.

Convidado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-USP) para ministrar uma disciplina intitulada “Sociologia marxista da religião”, o sociólogo franco-brasileiro discorreu não apenas sobre a obra de Marx e Engels, mas sobre uma diversidade de pensadores marxistas que, durante o século XX, expressaram uma visão rica e complexa dos fatos religiosos, repleta de diversos enfoques. Vários dos autores que foram discutidos durante o curso são chamados por Löwy de marxistas “heterodoxos”, e suas interpretações sobre os fenômenos religiosos são bastante inovadoras em relação aos “clássicos”, um aspecto geralmente ignorado nos programas de Sociologia da religião, bem como nos estudos sobre a história do pensamento marxista.

Nesta entrevista, concedida alguns meses depois de sua estadia no Brasil, via correio eletrônico, Michael Löwy respondeu a algumas perguntas sobre os autores

a Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista CAPES.

b Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

1 Para maiores detalhes sobre as atividades políticas e teóricas da trajetória de Löwy, consultar: JINKINGS, Ivana; PESCHANSKI, João Alexandre (Org.). *As utopias de Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007.

estudados durante seu curso, na Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 2014, além de discorrer sobre seu último livro lançado no Brasil, *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*.

Revista Plural Na primeira aula aberta do curso “Sociologia marxista das religiões”, na USP, o senhor abriu desenvolvendo a visão de Marx sobre a religião, destacando uma frase antológica do pensador alemão: “A religião é o ópio do povo”, considerada a quinta-essência da concepção marxista do fenômeno religioso, tanto por aqueles que apoiam Marx quanto por seus adversários. Qual é sua leitura dessa frase?

Michael Löwy Essa expressão não é própria de Marx... Antes de Marx, encontramos-a em escritos de Feuerbach, Moses Hess, Heinrich Heine e outros. Além disso, ela corresponde a uma etapa do pensamento do jovem Marx, anterior à descoberta do materialismo histórico, isto é, do método marxista. No momento em que ele escreve este texto – *Introdução à crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1844) –, ele ainda é um jovem hegeliano de esquerda. Sua análise da religião nesse escrito é eminentemente *dialética*: ele a percebe como sendo, ao mesmo tempo, expressão da miséria real e protesto contra ela. Mas se trata ainda de uma reflexão idealista, sobre a “essência” intemporal da religião. Só a partir das *Teses sobre Feuerbach* – segundo Engels, o germe genial de uma nova concepção do mundo – que rompe tanto com o idealismo neo-hegeliano como com o materialismo vulgar do século XVIII, e que inaugura a *filosofia da práxis* (Gramsci) marxista, que começa realmente uma reflexão materialista histórica da religião. Essa reflexão será desenvolvida em *A ideologia alemã*² (1846), que examina a religião não como “essência” metafísica, mas como uma das várias formas da ideologia, isto é, da produção social de representações e formas de pensamento, que se transforma historicamente, em função das mudanças econômicas e sociais, e da evolução das classes sociais. O estudo da religião em relação com a luta de classes é a contribuição específica mais importante de Marx e Engels à compreensão dos fatos religiosos. Para resumir: “A religião é o ópio do povo” é uma fórmula polêmica, brilhante e espirituosa, mas anterior à análise propriamente marxista, histórica e materialista da religião.

Revista Plural José Carlos Mariátegui foi o único pensador latino-americano de seu curso. Como se sabe, a dimensão religiosa é extremamente importante em seu

2 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

pensamento, particularmente a influência que a obra de Georges Sorel exerceu sobre ele. Pouco mais de trinta anos da morte do pensador peruano, emergiu o fenômeno da Teologia da Libertação na América Latina, abrindo um novo capítulo histórico, que você analisou em seu livro a Guerra dos deuses³. Existe alguma afinidade que podemos traçar entre a dimensão religiosa de Mariátegui e a Teologia da Libertação? Saberíamos dizer se os teólogos da libertação foram leitores de Mariátegui?

Michael Löwy Marxista heterodoxo, José Carlos Mariátegui considerava o Socialismo como um movimento inspirado por sentimentos religiosos, mas se trata, a seu ver, de uma religião profana, materialista e terrestre. Em um artigo sobre Gandhi, de 1924, ele escreve:

El socialismo y el sindicalismo, a pesar de su concepción materialista de la historia, son menos materialistas de lo que parecen. Se apoyan sobre el interés de la mayoría, pero tienden a ennoblecer y dignificar la vida. Los occidentales son místicos y religiosos a su modo. Acaso la emoción revolucionaria no es una emoción religiosa? Acontece en el Occidente que la religiosidad se ha desplazado del cielo a la tierra. Sus motivos son humanos, son sociales; no son divinos. Pertenecen a la vida terrena y no a la vida celeste⁴.

Um ano depois, no ensaio “O homem e o mito” (1925), avança a tese herética de que o socialismo revolucionário, mais do que uma ciência, é uma “força religiosa”.

La burguesía se entretiene en una crítica racionalista del método, de la teoría, de la técnica de los revolucionarios. Qué incomprensión! La fuerza de los revolucionarios no está en su ciencia ; está en su fé, en su pasión, en su voluntad. Es una fuerza religiosa, mística, espiritual. Es la fuerza del Mito. La emoción revolucionaria, como escribí en un artículo sobre Gandhi, es una emoción religiosa⁵.

Gustavo Gutiérrez, o teólogo peruano que vai fundar a Teologia da Libertação, tinha uma grande admiração por seu conterrâneo marxista. Sabemos que dedicou um ano inteiro a dar um curso sobre Mariátegui. Em seu livro pioneiro, *Teologia*

3 LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

4 MARIÁTEGUI, José Carlos. “Gandhi”. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *La escena contemporánea*. Lima: Amauta, 1964

5 MARIÁTEGUI, José Carlos. “El Hombre y el Mito”. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *El alma matinal*. Lima: Amauta, 1971.

da *Libertação – perspectivas*⁶ (1971), José Carlos Mariátegui é citado várias vezes, mas Gutiérrez, que, ao contrário do Amauta, é um católico fervoroso, não retoma a tese do Socialismo como religião terrestre.

Revista Plural *Existe um paralelismo curioso entre o filósofo espanhol Miguel de Unamuno e Lucien Goldmann (outro pensador presente no curso). O sociólogo romeno é conhecido, entre outras contribuições, pelo estudo sobre aposta pascaliana (na existência de Deus) com base em valores trasindividuais, que compreende três elementos: o risco, o perigo do fracasso e a esperança no êxito⁷. Miguel de Unamuno, em *La agonía del cristianismo*⁸ (um livro, diga-se de passagem, que fascinou José Carlos Mariátegui), em um capítulo dedicado à fé pascaliana, analisa a questão da aposta como um argumento probabilístico, uma “racionalização do azar”. Para Unamuno, Pascal temia uma possível vitória da razão sobre sua fé. Existem pontos que convergem com a análise de Goldmann?*

Michael Löwy Existem, sem dúvida, convergências, embora eu não creia que Goldmann tenha lido Unamuno. O que os dois têm em comum é a ideia da aposta pascaliana como uma dialética entre a fé e a razão. Contudo, o que interessa a Goldmann é a necessidade da aposta para o Socialismo: como no caso de Pascal, o valor transindividual – para os marxistas, o futuro socialista da humanidade – não pode ser objeto de uma prova factual, científica. O cristão, escrevia Pascal, tem que “trabalhar para o incerto”, e o mesmo vale, observa Goldmann, para o socialista: nos dois casos, o pensamento e a ação têm como fundamento último a aposta. Não se encontra esse argumento político no belo livro de Unamuno, embora José Carlos Mariátegui tenha proposto uma leitura socialista do conceito de “agonia”.

Revista Plural *John Holloway afirma, em seu último livro, *Fissurar o capitalismo*⁹, estar em crise o conceito que reza que a luta anticapitalista é a luta do trabalho contra o capital. Segundo ele, a luta anticapitalista atual mais expressiva já não está centrada na tomada do poder, nem na ideia da luta do trabalho contra o capital – mas sim na atuação cotidiana em brechas do sistema e na luta contra o trabalho abstrato alienado. Como o senhor vê as organizações de esquerda que*

6 GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação – perspectivas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

7 LÖWY, Michael; NAÏR, Sami. *Lucien Goldmann, ou a dialética da totalidade*. São Paulo: Boitempo, 2005.

8 UNAMUNO, Miguel. *La agonía del cristianismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

9 HOLLOWAY, John. *Fissurar o capitalismo*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

ainda apostam na “vanguarda” como tática para a tomada do poder (e, consequentemente, escape da “jaula de aço”) e na valorização do “desenvolvimento das forças produtivas” para que um dia a revolução chegue?

Michael Löwy Tenho muito respeito por John Holloway, como pensador anticapitalista e libertário, mas discordo de suas propostas; ou melhor, acho que enfatizam oposições, onde vejo mais complementaridade. As lutas cotidianas nas brechas do sistema são muito importantes, mas têm de se aliar com a luta do trabalho contra o capital, de forma a constituir um arco de forças que possa subverter o sistema capitalista. E quem poderá levar a luta contra o trabalho abstrato alienado, se não são os próprios trabalhadores? Quanto à “tomada do poder”, compartilho a crítica de Holloway às concepções autoritárias de monopólio do poder por uma “vanguarda”; mas isso não significa, em minha opinião, que as classes subalternas, os explorados e oprimidos não devam tomar o poder político das mãos da oligarquia dominante, estabelecendo uma verdadeira democracia. Finalmente, concordo com a crítica ao culto do “desenvolvimento das forças produtivas”, que caracteriza, até hoje, boa parte do pensamento de esquerda. Do ponto de vista ecossocialista, é preciso romper de um marxismo ecológico, de uma vez por todas, com a ilusão de um desenvolvimento ilimitado das forças produtivas em um planeta, que tem limites naturais. As forças produtivas criadas pelo capitalismo são responsáveis pela destruição do meio ambiente e pela iminente catástrofe da mudança climática. Uma transição ao ecossocialismo implica romper com o produtivismo e o consumismo da civilização capitalista industrial¹⁰.

Revista Plural *Em seu livro recém-lançado no Brasil, A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano¹¹, o senhor afirma que, após a morte de Max Weber, uma constelação de autores (Ernst Bloch, Walter Benjamin e Erich Fromm) emerge na República de Weimar, produzindo um conjunto de leituras anticapitalistas do sociólogo de Heidelberg. Por outro lado, na França, país que desde o final do século XIX se desenvolve, há, dentro do capitalismo, uma corrente crítica, anticapitalista, de pensamento, obras e movimentos religiosos (Charles Péguy, Emmanuel Mounier, cristãos revolucionários da frente popular, revista Esprit, etc.). Há algum registro de uma possível influência da tradição católica herética francesa nas ideias de Max Weber?*

10 Cf. Löwy, Michael. *O que é o ecossocialismo?* São Paulo: Cortez, 2014. (2ª edição).

11 Löwy, Michael. *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo, 2014.

Michael Löwy Não acredito que os pensadores da esquerda cristã francesa tenham tomado conhecimento de Max Weber! Ele foi traduzido muito tardiamente, e sua recepção ficou limitada ao terreno da Sociologia como disciplina acadêmica. Entretanto, a hipótese de Max Weber sobre uma tensão entre ética religiosa e racionalidade econômica e, mais precisamente, uma “profunda hostilidade” entre a ética católica e o espírito do capitalismo me parecem um ponto de partida muito útil para entender o surgimento dessa corrente católica francesa. A rejeição ética do capitalismo por pensadores como Charles Péguy ou Emmanuel Mounier corresponde perfeitamente ao argumento sugerido por Weber (embora nunca desenvolvido de forma sistemática em sua obra): o protesto católico contra o caráter frio, reificado, impessoal e, em última análise, “não ético” das relações de produção capitalistas.

Revista Plural Ainda no livro *A jaula de Aço*, no prefácio para a edição brasileira, o senhor diz que, “em contraste com a vulgata marxista de rejeição do ‘idealista’ Weber”, Florestan Fernandes escreve um prefácio, ainda quando estudante, em que tenta aproximar Marx e Weber. Já na introdução do livro, o senhor cita um ensaio seu de “weberologia”, escrito em 1969, em que visa demonstrar que as críticas feitas por Weber ao materialismo histórico, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*¹², não eram justificadas. Afinal, Weber deve ser tratado como “idealista” ou não?

Michael Löwy O que eu argumentava em meu artigo de 1969 e que retomo no livro *A jaula de aço* é que as críticas de Weber ao materialismo histórico, em *Ética protestante*, não procedem. Trata-se de duas ou três passagens do livro em que Weber tenta, em vão, opor ao materialismo histórico uma interpretação “idealista” das origens do capitalismo. Contudo, o argumento principal do livro de Weber não é este: o que lhe interessa é mostrar a afinidade eletiva (*Wahlverwandschaft*) – um termo que ele toma emprestado de Goethe – entre a ética protestante e o espírito do capitalismo, deixando de lado a questão da prioridade causal. Em outras palavras, existem “deslizes” polêmicos “idealistas” no livro, mas não constituem o argumento essencial de sua pesquisa. De qualquer forma, parece-me um equívoco rejeitar a contribuição de Weber à análise e crítica do capitalismo, sob pretexto de que seria um autor “idealista”. Marx criticou o idealismo de Hegel, mas nem por isso deixou de integrar o método dialético em seu

12 WEBER, MAX. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

estudo do capital. Existem evidentes diferenças e oposições entre Weber e Marx – não somente metodológicas, mas também, e acima de tudo, políticas –, no entanto, ao mesmo tempo, há uma importante influência de Marx em alguns aspectos da análise do capitalismo por Weber. Além disso, a crítica de Weber ao sistema capitalista como “jaula de ferro” é algo que serviu a muitos marxistas – a começar pela Escola de Frankfurt –, em sua reflexão crítica. Por isso, acho que Florestan Fernandes tinha razão de buscar os pontos de convergência entre Marx e Weber, em vez de simplesmente rejeitar este último como “idealista”.

Revista Plural *Ainda no prefácio, o senhor diz que Florestan defendia que o método tipológico de Weber vai “na direção proposta por Marx”. Em que sentido?*

Michael Löwy Este é um argumento já sugerido por Lukács, em *História e consciência de classe*¹³ – um livro que, seguramente, Florestan não conhecia, em 1945. A hipótese comum aos dois é de que o conceito de capital em Marx seria algo parecido com o “tipo ideal” de Weber, isto é, uma construção teórica “pura”, totalmente coerente, que não se encontra, enquanto tal, na realidade empírica, que é sempre uma mistura “impura” de vários tipos ideais (no caso, modos de produção). É uma hipótese interessante, mas confesso que tenho minhas dúvidas. Acho que os conceitos de Marx são dialéticos; sua relação com a realidade empírica é diferente da dos tipos ideias neo-kantianos de Weber. O conceito dialético pretende dar conta da realidade e de suas contradições, não se trata de um simples instrumento cognitivo heurístico criado pelo pesquisador, mas é uma questão epistemológica complexa que não posso desenvolver aqui.

Revista Plural *Muitos afirmam categoricamente que, quando Weber fala de uma “jaula de aço”, ele quer se referir exclusivamente à “burocratização” da vida, sem que isso esteja necessariamente ligado, como o senhor defende, à “civilização capitalista”. Como é possível ter certeza sobre a que, de fato, Weber estava se referindo?*

Michael Löwy Na literatura norte-americana sobre Weber, a “jaula de aço” é sistematicamente interpretada como uma crítica à burocracia. Trata-se evidentemente de uma tentativa de evitar qualquer questionamento do capitalismo. Existem alguns textos de Weber em que o conceito de “jaula de aço” é utilizado para criticar, ao mesmo tempo, o sistema capitalista e a burocratização. Mas, no contexto de *Ética protestante* – sem dúvidas, o livro mais conhecido de Weber –, o termo se refere explicitamente à “ordem econômica capitalista” (citação de We-

13 LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ber). Em meu livro, dou todas as referências. Aliás, críticas contundentes ao capitalismo estão presentes em vários outros escritos de Weber, não necessariamente utilizando o termo “jaula de aço”.

Revista Plural *No Brasil, existe um crescimento espantoso das igrejas evangélicas, e sua visibilidade na arena política nacional tem se tornado objeto de diversos estudos. Recentemente, um vídeo circulou pelas redes sociais mostrando a formação de milícias na Igreja Universal, cujo objetivo é “servir Deus no altar”. Como o senhor tem observado esse fenômeno?*

Michael Löwy Não sou um especialista sobre as igrejas evangélicas neopentecostais. Nunca estudei esse fenômeno, e o que sei é de segunda mão, portanto, só posso dar uma opinião provisória. Parece-me que se trata de um movimento religioso com características profundamente conservadoras. A atitude intolerante me chama a atenção na maioria dessas igrejas contra as minorias sexuais e contra os cultos afro-brasileiros. A “teologia da prosperidade”, defendida por muitos pastores neopentecostais, é uma versão religiosa da ideologia neoliberal. Várias dessas igrejas funcionam como verdadeiras empresas capitalistas, com investimentos em vários ramos (redes de televisão, imóveis, etc.). Por outro lado, reconheço que, ao proibir aos fiéis o consumo de drogas ou álcool, os jogos de azar ou a frequência dos prostíbulos, as igrejas neopentecostais contribuem para melhorar a situação sanitária e econômica das famílias (em particular das mulheres). Claro, existem pessoas com ideias progressistas nessas igrejas evangélicas, mas são submetidas a pressões de pastores reacionários e muitas vezes acabam cedendo a essas pressões. Foi o caso, no ano passado, de Marina Silva.

Revista Plural *Como o senhor avalia o papado de Francisco no que diz respeito à luta para escaparmos da “jaula de aço”?*

Michael Löwy Confesso que tinha uma opinião bastante negativa de Jorge Bergoglio. Seu passado na Argentina, na época da ditadura, não me convencia: eu achava que, no mínimo, havia “pecado por omissão”. Mas seu desempenho, depois de assumir o pontificado como Francisco, surpreendeu-me muito positivamente. Um de seus primeiros atos foi visitar o porto de Famagusta, denunciando o tratamento inumano aos refugiados que chegam com condições precárias à Itália. Foi uma atitude corajosa, tanto mais que a opinião pública italiana é pouco favorável aos refugiados. Em seguida, pareceu-me muito importante o convite a Gustavo Gutiérrez de ir ao Vaticano, abrindo, assim, um espaço na Igreja para as ideias da Teologia da Libertação; no mesmo sentido foi a decisão de reabrir o

processo de beatificação de Monsenhor Oscar Romero – o arcebispo de San Salvador, assassinado pelos Esquadrões da Morte, em 1980 –, engavetado pelos papas anteriores. Sua encíclica do ano passado sobre questões econômicas é uma crítica bastante radical ao capitalismo e ao neoliberalismo, confirmando a tese de Max Weber à que me referia acima. Não por acaso ele enfrenta uma acirrada oposição interna, de parte dos setores mais conservadores da Igreja, capitaneados pelos bispos dos Estados Unidos e por ordens religiosas reacionárias, como o Opus Dei, com apoio nos grupos mais obscurantistas da cúria romana. A difícil batalha para mudar a oposição da Igreja sobre questões da família ilustra essa resistência de retaguarda. Dito isso, para quebrar as grades da “jaula de aço”, não basta uma encíclica do Vaticano: será preciso o esforço conjunto de todas as vítimas desta “escravidão sem mestre” (Max Weber disse) que se chama civilização capitalista ocidental moderna.